

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA - CURSOS DE HISTÓRIA

JAMIR DOS REIS SANTOS

“ INDIANÓPOLIS ”

SOB A LUZ DO PROGRESSO

Monografia apresentada como requisito
para conclusão do Bacharelado em
História junto ao Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia, sob
a orientação do Prof. Dr. Hermes Reis
de Araújo.

1.479 59 (C)

Uberlândia, Julho de 2001

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hermetes Reis de Araújo (orientador)

Prof^a. Ms. Maria Andréa Angelotti

Prof^a. Dr^a. Christina da Silva Roquette Lopreato

Uberlândia, Julho de 2001.

Dedico este trabalho à minha noiva
Margareth, que sempre me deu todo
apoio e força para seguir adiante.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os amigos que ao longo dos anos de curso contribuíram para que essa longa jornada parecesse menos árdua.

Ao longo dos anos várias pessoas passaram a fazer parte do convívio direto, o que trouxe novas experiências e vivências que em muito colaboraram para a conclusão do curso.

Citar nomes seria difícil, correndo o risco de cometer injustiças e esquecendo algumas pessoas que tiveram participação ativa nesta caminhada, ficando portanto um agradecimento especial a todos que direta ou indiretamente acreditaram em minha capacidade e também aos que não acreditaram.

Agradecimento especial ao meu orientador Prof. Dr. Hermetes Reis de Araújo que, com muita dedicação, competência e acima de tudo paciência, conduziu os rumos deste trabalho de forma brilhante, bem como à Prof^a. Dr^a. Jane de Fátima, que foi quem abriu a perspectiva para realização deste trabalho.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	06
REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
EVOLUÇÃO URBANA.....	20
VISITANDO O PASSADO DE INDIANÓPOLIS.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
BIBLIOGRAFIA.....	42
ANEXOS.....	44

I. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende-se primeiramente, cumprir as exigências da disciplina de monografia necessárias à conclusão do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia e de privilegiar o conhecimento de parte da História do Município de Indianópolis, tendo um caráter sentimental, pois nasci e cresci nesta pequena cidade do Triângulo Mineiro e Como afirma José Mattoso:

“o estudo do passado local ou regional pode ser extremamente gratificante para quem procure conhecer-se a si próprio e ao mundo a que pertence.”¹

E é com esse desejo que esta pesquisa se realizou, e promoveu o resgate da História do Município que pouco conhecemos, esta é uma pequena contribuição deste historiador à História da cidade.

Com o presente movimento de renovação das correntes historiográficas a História Local voltou a ocupar um espaço de destaque nas discussões acadêmicas, nesse sentido argumenta Pierre Goubert que:

“A história local foi menosprezada nos últimos tempos e especialmente no século XIX e primeira metade do século XX pelos defensores da história geral. Desde meados deste século, porém, a história local novamente se ergueu e adquiriu um outro significado.”²

Mesmo a História Local tendo sido negligenciada por alguns historiadores, esta vem se firmando cada vez mais, como também conseguido se

¹ MATTOSO, José. **A Escrita da História, Teoria e Método**. Lisboa: Estampa, 1997, p. 76.

expandir, principalmente pelo fato dos historiadores acreditarem na necessidade da preservação da memória histórica.

Ao estudar o passado de uma localidade pequena como é o caso do Município de Indianópolis, procura-se através das suas particularidades a sua inserção num contexto mais amplo, pois como mostra José de Sousa Martins:

“A história local não é necessariamente o espelho de um país e de uma sociedade, a história local não é e nem pode ser uma história reflexo, porque se o fosse negaria a mediação em que se constitui a particularidade dos processos locais imediatos e que não se repetem nem pode se repetir nos processos mais amplos que com mais facilidade poderíamos definir como propriamente históricos.”²

Podemos notar que a História Local não é reflexo da História do país, principalmente pelo fato de que cada localidade possui suas próprias especificidades e particularidades, além de engendrar um modo de vida e manifestações e de ocorrerem de forma diferenciada em todo país.

O estudo de uma determinada área geográfica fará com que a história local se volte para o que é específico, dentro de um contexto regional e nacional, e tem a função de trazer ao conhecimento fatos que foram ou são pertinentes àquela sociedade, e que se diluem em uma história mais geral, que às vezes se torna homogênea.

Esta pesquisa visa trazer à tona fatos que fizeram parte do passado de Indianópolis e com isso contribuir para o debate historiográfico acerca da História Local

²GOUBERT, Pierre. “História Local”. In: Revista **História e Perspectivas**, nº 06, Uberlândia: UFU/COCHI, p. 114.

e ampliar o conhecimento que se tem sobre o processo de formação da região do Triângulo Mineiro.

Sendo o Município de Indianópolis um dos núcleos de povoamento mais antigos da região, a sua origem está relacionada à instalação da antiga Aldeia de Sant'ana, não se podendo precisar a data exata de sua instalação. Ayres de Casal:

“Aponta o ano de 1741 como a data em que o coronel Antônio Pires de Campos, contratado pela Câmara de Goiás, combateu os Índios Caiapós e estabeleceu 18 aldeias ao longo da estrada.”⁴

Outros como Waldemar de Almeida Barbosa:

“Indica a data de 1750 no seu dicionário histórico geográfico de Minas Gerais”.⁵

Cunha Matos escreve:

“que a criação de outras aldeias como: Estiva, Piçarrão, São Domingos, Rio das Pedras datavam de 1741, e a Aldeia de Sant'ana é de 1750”.⁶

Pela sua importância para a região se faz necessário um levantamento mais apurado e mais detalhado sobre o histórico do município.

³ MARTINS, José de Souza. **Subúrbio, Vida Cotidiana e História no Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano do Fim do Império ao Fim da República Velha**. São Paulo: Hucitec/Prefeitura. São Caetano do Sul, 1992.

⁴ CASAL, Ayres de. **Corografia Brasileira**. São Paulo: Edusp/Livraria Itatiaia, 1976, p. 161.

⁵ BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Casa de Eschwege, 1971, p. 220.

⁶ MATTOS, Raimundo José da Cunha. **Corografia Histórica da Província de Minas Gerais**. São Paulo: Itatiaia, 1981, p. 212, vol. I.

Investigar de forma sistematizada dará uma visão mais abrangente, tirando do anonimato fatos para melhor compreensão do seu passado e também da região do Triângulo Mineiro.

Ao longo do tempo a Aldeia de Sant'ana foi se transformando, até constituir-se no município de Indianópolis, nesta trajetória deve-se acentuar os processos pelos quais passou.

O distrito de Sant'ana do Rio das Velhas foi criado pela lei provincial nº 184, de abril de 1840, que foi suprimido pela lei provincial nº 1195 de 6 de agosto de 1864, que o anexou ao território do município de Estrela do Sul, até 1911. Uma nova divisão administrativa do Estado fixada pela lei Estadual nº 843 de 7 de setembro de 1923 apareceu subordinando ao município de Araguari. Por força do decreto -- lei Estadual nº 148, de 17 de dezembro de 1938 foi criado o Município de Indianópolis, constituído de um distrito, o da sede com o mesmo nome, jurisdicionado ao termo da comarca de Araguari.

Dentro desse breve relato deve-se pesquisar a sua evolução urbana ao longo do tempo, até os dias atuais. Segundo o relato de Saint'Hilaire:

*"Em seu livro viagem a província de Goiás, ao atravessar o sertão da farinha podre, em 1819, cita a atual Igreja de Sant'ana como sendo a construção mais antiga desta região."*⁷

As transformações decorridas no espaço urbano vem se realizando de forma lenta, permitindo a convivência "pacífica e harmoniosa" entre as tradições, costumes e modos de vida.

⁷ SAINT'HILAIRE, August. *Viagem à Província de Goiás*. São Paulo: Epusp/Itatiaia, 1975, p. 143.

Mesmo ocorrendo de forma lenta, a partir da década de 70 as transformações se deram mais direta e marcadamente, acarretando na população uma série de mudanças.

Não se pode pretender fazer uma análise das mudanças ocorridas na paisagem urbana da cidade sem levar em conta a participação do homem como sujeito inserido no espaço e nesse sentido afirma Pesavento que:

“...falta da existência de uma história regional que seria aquela que buscaria resgatar a dinâmica da prática social dos homens, à partir da análise das condições históricas objetivas num espaço delimitado.”⁸

Dentro desses aspectos a mudança das estruturas da cidade através da instalação da rede de eletrificação (CEMIG), gera uma série de mudanças, as quais levam também a uma alteração do modo de vida da população, e essa relação de transformação sócio-econômica é que se pretende investigar, para esclarecer a evolução da cidade e da mentalidade da população.

A perspectiva que se vai adotar neste trabalho tem como referência a relação de um acontecimento local e as implicações que gerou em todo conjunto da sociedade local. Com isso contribuir para o alargamento e colaborar para o debate historiográfico acerca da História Local, além da sua contribuição para a história regional e nacional.

Nesse sentido pode-se perceber na afirmação de Rodrigues:

“Embora não se possa sustentar que a história geral ou estadual sejam a soma das histórias locais, é certo que as generalizações nunca seguras

se não se levarem em conta os desenvolvimentos locais, uma história detalhada do desenvolvimento de uma comunidade representa a mais legítima contribuição à história nacional. A história de uma nação é incompleta se deixa de tratar dos interesses e atividades dos homens comuns e a história local cuida como nenhuma outra dos acontecimentos diários do homem comum, promovendo deste modo, um conhecimento mais seguro e amplo da vida nacional que o historiador tenta reconstruir."⁹

Visto que antes o município era servido por uma usina de Ribeirão Mandaguari, a questão da energia era um desejo antigo dos moradores, já que esta primeira usina já estava nos planos do então prefeito que numa reportagem publicada no jornal *O Triângulo* de 11-04-49, já demonstrava interesse em dar à população tal benefício:

*"O Senhor Antenor Rangel nos comunica depois com radiante satisfação que as obras da usina elétrica no Mandaguari vão adiantadas, já recebeu o maquinário, espera muito logo poder proporcionar a Indianópolis luz e energia elétrica, o que irá, influir poderosamente no seu desenvolvimento."*¹⁰

Pode se notar que o ideal de desenvolvimento estava presente no desejo da população, observado na ata da Câmara Municipal de Indianópolis do dia 17 de setembro de 1977, onde o projeto de lei nº 520 177, que versava sobre a doação de

⁸ PESAVENTO, Sandra Jathay. "História Regional e Transformação Social". In: SILVA, Margos A. (org.). **República em Migalhas**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1990.

⁹ RODRIGUES, José Honório. "Teoria da História do Brasil, Introdução Metodológica". Revista **História e Perspectiva**, Uberlândia: UFU, 1997, nº 16 e 17.

¹⁰ Jornal *O Triângulo*, 11/04/49.

terrenos pertencentes ao patrimônio público, foi reprovado por unanimidade, como justificativa dizia o seguinte:

"O patrimônio do município de Indianópolis é muito pouco e dada a visão de progresso expressivo que o futuro nos promete não é intensão do executivo, nem do legislativo tomar decisões que tornem menor o patrimônio e devido à sua área que com a instalação da CFMIG, poderá ser utilizada por grandes indústrias que prometem instalar em nossa cidade, só aguardando que a distribuição de energia elétrica esteja apta ao funcionamento das mesmas"¹¹.

Para a realização deste trabalho de pesquisa, faz-se necessário mais de um tipo de fonte de pesquisa. De acordo com cada fase do trabalho utilizou-se os instrumentos disponíveis para o prosseguimento do mesmo. O que foi possível para fazer um breve histórico se baseava em relatos de viajantes que passaram por aqui, além de alguns documentos encontrados no cartório e na paróquia de Sant'ana, a maioria em estado de preservação precárias, condições como comentou Ângelo Priori:

"Com raras exceções, encontramos arquivos bem estruturados, documentos organizados, quase sempre os arquivos não passam de amontoados de papéis sujos e velhos, jogados às traças e ao furo do historiador."¹²

E é nessas péssimas condições que se encontram documentação disponível, pois a maioria se perdeu.

¹¹ Ata da Câmara Municipal. Reunião Ordinária do dia 17 de setembro de 1977.

¹² PRIORI, Ângelo. "História Regional e Local: Métodos e Fontes". **Revista Pós História**. Assis, 1994, vol. 2, pp. 181/187.

Devido à escassez de documentos que possam dar noção detalhada a respeito dos tempos de aldeia, o que resta é fazer quando possível uma comparação dos relatos desses viajantes e tentar fazer alguma ligação. Para se fazer um levantamento sistematizado acerca dessa evolução urbana se faz necessário o uso de fontes orais, visto que devido a um incêndio ocorrido na prefeitura municipal em 13-07-51, foram destruídos os registros anteriores que pudessem ser utilizados como fonte, então se faz necessário conversar com os moradores mais antigos, e algumas fotos que foram preservadas em arquivos particulares e que, segundo alguns depoimentos, sabe-se que o arruamento mais detalhado só teve início após sua emancipação política 1938.

Em primeiro plano, estaremos trabalhando com documentos de época, localizados na Paróquia Sant'ana e no Cartório de Registro Civil e Tabelionato de Indianópolis.

Nos primórdios do município estaremos lidando com documentos também de época que foram encontrados no Arquivo Público Mineiro e também no Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Essa documentação vai permitir traçar os aspectos da época que Indianópolis era apenas um aldeamento indígena, sendo que trazem informações sobre os atos dos governantes e principalmente os da criação da Paróquia, que era a primeira forma de reconhecimento de um núcleo populacional pelo Governo Real.

Para concluir essa primeira etapa, faremos uso de uma bibliografia específica principalmente composta de relatos de viajantes, e também militares a serviço do governo ou em expedições. Com isso, vamos Ter uma noção através do olhar de quem esteve presente no local conhecendo as suas impressões acerca dos aspectos da

aldeia, sua população, além de fornecer dados que permanecem pouco explorados e pouco conhecidos.

Com essa documentação é possível traçar um breve histórico do Município de Indianópolis e também ampliar o conhecimento da história do Triângulo Mineiro.

Em segundo plano, será investigado de forma efetiva como se deu a instalação de infra-estrutura, principalmente rede de energia elétrica (CEMIG), as alterações, mudanças ocorridas na estrutura física da cidade e o impacto sofrido pela população em seu cotidiano e na sua forma de viver.

Para essa etapa do trabalho, as fontes documentais a serem analisadas serão feitas através de atas da Câmara Municipal, resumindo o que havia ocorrido de mais importante para o dia-a-dia da cidade e principalmente o que diz respeito a instalação da CEMIG. O mesmo sendo feito em relação a projetos de lei, leis, cópias de contrato, dando uma noção do desenvolvimento político-administrativo do Município.

Na Prefeitura, foram levantados todos os dados disponíveis de interesse da pesquisa, tais como projetos, planos, relatórios e programas de governo. Nesse seguimento, também vale ressaltar que alguns documentos foram cedidos por alguns políticos, documentos como fotos, recortes, correspondências referentes à sua gestão e que fazem parte do período que nos interessa.

Com as mudanças ocorridas após 77, faz-se necessário um levantamento de sua evolução urbana, para tal, antes do período de 1951, faremos que fazer uso de fontes orais para conhecer o seu traçado anterior, pois como já foi dito antes desse período a documentação foi destruída.

Para a recuperação dos primeiros anos de municipalidade contaremos com a memória e a disposição de alguns moradores mais antigos que participaram e vivenciaram esse processo. Também contaremos com fotos antigas que serão trabalhadas de forma a comparar com os dias de hoje as mudanças ocorridas.

Através de fotos que irão constituir em fontes históricas muito importantes e úteis, como afirma Velso Carlos:

“Podemos então pensar em uma relação entre a memória e fotografia, colocando-se esta última como um dos suportes através do qual se pode produzir conhecimento histórico.”¹³

Recortes de jornais da época como *O Repórter*, *O Triângulo*, entre outros, serão usados com intuito de procurar notícias sobre a cidade de fatos que marcaram a população e que vão fornecer subsídios para uma melhor compreensão do seu passado.

As mudanças ocorridas no modo de vida da população vão exigir na sua totalidade fontes orais, onde as entrevistas serão o principal instrumento.

Essas entrevistas serão realizadas com o conjunto de setores da comunidade de forma heterogênea, com isso se pretende ter um conhecimento não do individual, mas sim do coletivo que vivenciaram experiências distintas além de contribuir para uma maior reflexão dos papéis de cada sujeito dentro da sociedade.

Mesmo sabendo das limitações que tais entrevistas de moradores que serão escolhidos de forma aleatória, tais como os moradores mais antigos, autoridades, profissões, de modo que forme um grupo bem heterogêneo, como conforma Halbwachs:

*"são capazes de revelar a memória social do grupo, uma vez que atualizadas, as memórias delas jamais são individuais, mas são parte de uma memória coletiva."*¹⁴

¹³ SOUSA, Velso Carlos de. "Fotografia como Documento". In: **Boletim CDHIS**, nº 21, Uberlândia, 1997.

¹⁴ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

1.1. REFERENCIAL TEÓRICO

Nas últimas décadas vê-se despontando uma corrente histórica que surge como contraponto, não só ao domínio tradicional da história e a partir daí, vai influenciando todas as outras ciências ditas humanas, a nova história surge então com novos instrumentos que vão possibilitar a abertura de novos horizontes para se fazer pensar a história.

Com essa abertura que a história nova traz com relação às fontes históricas vai proporcionar à história local e regional uma maior diversidade, pois a partir dessa inovação que a história, onde vestígios, pistas e qualquer tipo de fonte possa ser história, desde que passe por uma análise crítica, deu aos historiadores “locais e regionais”, como é o caso desse trabalho, uma abertura documental de grande valor.

A abertura de horizontes que a história nova consegue necessitava de ampliar novas fronteiras, como a de fazer uma história total. Nesse sentido, Le Goff, ao mencionar o título “*Anais da História Econômica Social*” fundados em 1929, Lucien Febvre deveria dizer que os dois epítetos, notadamente o de social, tinham sido escolhidos por Marc Bloch e ele próprio, em razão de seu caráter vago que englobava toda a história.

*“Sabemos muito bem que o social, em particular, é um desses adjetivos a que se fizeram dizer quase nada (...) não há história econômica e social. Há uma história pura e simples em sua unidade. A história que é toda social, por definição.”*¹⁵

¹⁵ LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 28.

O que se procura fazer nessa pesquisa não é simplesmente investigar um fato que alterou as estruturas de uma cidade, mas também ocorrido na sua população, pois o homem não está isolado em suas manifestações, ele é parte viva nesse processo amplo de mudanças e transformações, para reforçar essa afirmação Le Goff diz:

*“reconhecemos que numa sociedade, qualquer que seja, tudo se liga e se comanda mutuamente: estrutura política e social, a economia, as crenças, as manifestações mais elementares e mais sutis da mentalidade.”*¹⁶

Ao se tratar de alterações nos hábitos dos moradores de Indianópolis após 1977, não se deve esquecer de investigar o imaginário das pessoas sobre a cidade e de remontar as suas experiências de vida ao longo do tempo e, com isso, verificar as suas produções no decorrer do período.

Toda sociedade produz a sua própria “cultura”, com especificidades e particularidades de cada região. Com isso a história cultural se faz presente no sentido de dar suporte nesta área. A definição do que seria “cultura” pode ser como chama Raymond Willians:

*“em nossa época, é o sentido geral mais comum, ele coexiste, muitas vezes desconfortavelmente, com o uso antropológico e amplo uso sociológico para indicar modo de vida global de determinado povo ou algum outro grupo social.”*¹⁷

¹⁶ Ibidem, p. 32.

¹⁷ WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Neste sentido, o trabalho de investigação dos aspectos culturais se tornam de extrema necessidade para que as práticas cotidianas não se diluam no tempo como afirma Maria Clara:

“a cultura é um processo dinâmico e não pode pensar as suas transformações como deterioração. A ideia de preservar e de valorizar não pode desconhecer as mudanças ocorridas na coreografia e no significado das práticas culturais frente às alterações históricas em que ela se insere. Antes de serem representações discursivas de uma época, foram ou são parte de um mundo real no qual ao se produzirem relações econômicas e sociais está se produzindo também cultura. Esse entrelaçamento da cultura às condições concretas de vida induz a pensar em transformações culturais engendradas no bojo da história concebida enquanto processo.”¹⁸

¹⁸ MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura Popular e Desenvolvimento em Minas Gerais: Caminhos Cruzados de um Mesmo Tempo**. Tese (Doutorado em História) FFLCH, USP, São Paulo, 1998.

II. EVOLUÇÃO URBANA

Os primeiros tempos do aldeamento indígena, nada sobreviveu. O edifício mais antigo que se mantém erguido é provavelmente a igreja de Sant'ana. Outras construções contemporâneas a ela ou foram demolidas ou o tempo se encarregou de destruí-las.

O atual arruamento foi quase todo refeito após 1938, quando foi criado o município. As ruas mais antigas dessa época, anteriores a esse planejamento já haviam alterado o espaço descrito pelo viajante francês Auguste Saint'Hilaire.

Atualmente a igreja de Sant'ana situa-se obliquamente em relação à rua e à praça defronte, ficando sua fachada principal voltada para a quadra de esportes que ocupa o lado esquerdo da praça, não tendo sido possível precisar em que momento ocorreu essa alteração do antigo adro, que como de costume, situava-se à frente de seu frontispício, isto é, onde está localizada a quadra de esportes.

A antiga igreja de Santa Rita e Nossa Senhora do Rosário, construída provavelmente na metade do século XIX (ver foto em anexo), ocupava aproximadamente o terreno onde hoje é a confluência das atuais ruas Batista Naves e Marechal Deodoro. À sua frente abria-se um grande largo que corresponde hoje à praça Urias José da Silva e o quarteirão ocupado pela nova Igreja de Santa Rita (ver foto 02 em anexo), a Escola Municipal e o Banco do Brasil.

Esse largo criou um novo centro de interesse no espaço do antigo arraial, concorrente ao largo de Sant'ana e no início deste século, já era a área mais importante da cidade, onde se localizava parte do comércio, casas de pessoas importantes e onde mais tarde se instalaria a Prefeitura e a Câmara Municipal.

O pequeno povoamento possuía poucas ruas e das poucas ruas surgiam becos que às vezes se ligavam entre si, outras nem poderiam ser consideradas ruas, não passavam de caminhos e trilhas que levavam até as casas mais afastadas do centro do povoado. Essas ruas, becos e trilhas não possuíam nomes oficiais e tinham nomes relacionados ao morador mais antigo ou a alguma característica peculiar da sua localização.

Nesse período as três ruas mais importantes de Indianópolis eram as que ligavam o largo da igreja de Sant'ana ao largo da igreja de Santa Rita, que eram então o espaço mais importante da cidade, e que por uma razão até simples e objetiva, essas três principais ruas eram conhecidas como "Rua de Cima", que atualmente corresponde à Rua Presidente Vargas, "Rua do Meio", atualmente chamada Rua Juvenal dos Santos, e a "Rua de Baixo", que atualmente é denominada Rua Getúlio Magalhães.

Por trás da antiga igreja de Santa Rita corria um rego d'água "puxado" do córrego Manoel Velho a água dele "puxada" abastecia as casas que se espalhavam pelas ruas, becos e trilhos, formando a cidade. Outras ruas foram surgindo ligando outros pontos da cidade, a "Rua do Córrego Lava-Pês", atual Rua Aristides Assis, a "Rua dos Genipapos", atual Rua Floriano Peixoto, "Rua do Olho D'Água", que se localizava abaixo da atual Prefeitura e que hoje não mais existe.

Para completar o arranjo urbano do município nesse período, os becos compunham o cenário dos quais o "Beco do Pedrinho", que ia da "Rua de Baixo" até a "Rua do Meio", o "Beco da Anhaguera", que partia da "Rua do Meio" até a casa que se acredita Ter sido a moradia do famoso bandeirante e o "Beco do Galdino", nome do morador, que ficava na saída para Araguari.

Como no município não se encontram registros desse período, foi feito com base em relatos orais dos moradores mais antigos do município e graças a informações do “Sr. Manoel Rosa da Paixão”¹⁹, foi feito esse levantamento.

Com a elevação à qualidade de município o agora município passa a viver um novo clima de transformação e mudanças. O novo prefeito, o Dr. Nelson Soares era engenheiro agrimensor e ele próprio se encarregou do planejamento de novas ruas que passaram a receber nomes oficiais. O novo arruamento regular em tabuleiros, cortado por largas avenidas deve ter parecido extremamente largas, pois o aspecto da antiga aldeia com o novo desenho mostrava enorme contraste.

A população vivia um momento de euforia e desejo de desenvolvimento provocado pela independência municipal. Seguindo este ritmo de desenvolvimento foi construída uma nova estação de água que substituiu parcialmente o abastecimento feito pelos antigos regos.

As antigas ruas recebiam nova nomenclatura e assim como as novas ruas abertas e avenidas abertas homenageavam datas e pessoas importantes, como por exemplo: o largo da matriz de Sant’ana passou a se chamar Arduino Bolivar em homenagem ao Deputado Federal que teria apoiado a criação do município, o largo da matriz de Santa Rita passou a se chamar Praça Benedito Valadares, em homenagem ao governador que criou o município, a antiga “Rua de Baixo” passou a ser chamada de Rua Getúlio Vargas, a “Rua do Meio” passou a ser chamada de Rua Machado de Assis e a “de Cima” passou a ser chamada Rua da Instrução.

¹⁹ Entrevista com o Sr. Manoel Rosa da Paixão, 84 anos de idade.

A cidade crescia. O anseio da população por um desenvolvimento mais efetivo se concretiza em 1950 com a construção de uma usina no Ribeirão Mandaguari a aproximadamente 10 km da sede do município, o que permitiu a instalação de pequenas indústrias e o comércio pode ser dinamizado.

Para melhor esclarecer sobre o funcionamento da usina o Sr. Alzerino Rabelo, funcionário da prefeitura aposentado, prestou esclarecimentos sobre a usina no Ribeirão Mandaguari, onde parte da sua represa existe até hoje:

*"A usina possuía uma queda vertical de 38,5 metros, sua tubulação que levava água até o conjunto gerador era de mais ou menos 65,0 metros que impulsionava uma turbina geradora com capacidade de geração de 45 KWA ou 98 C.V. (cavalo vapor). A usina funcionava até as 22 horas, todas as ruas foram iluminadas, parte dos postes (todos de aroeira), foram pagos a baixo custo pela prefeitura e o restante doados por fazendeiros. Outra curiosidade na época era o único aparelho de telefone que fazia a comunicação entre a usina e a prefeitura."*²⁰

O conjunto gerador (foto em anexo) permaneceu em atividade até 1977, quando a energia passou a ser fornecida pela CEMIG, melhorando o atendimento e propiciando um desenvolvimento efetivo do município, uma vez que a capacidade instalada era pouca para a demanda.

Com a instalação da energia elétrica o clima de euforia que contagiava o país nos anos 50, também passava a ser compartilhado pela população de Indianópolis. O que pode ser notado na mentalidade reinante no período foi a demolição da antiga igreja de Santa Rita construída no século XIX, com técnicas e materiais

tradicionais como adobe, pau-a-pique e madeira, para ser substituída por uma nova igreja de tijolo e concreto que simbolizava o que era “mais moderno”.

Mesmo o espírito da modernidade pairando sobre o município pouca coisa mudou, o que pode ser percebido em um documento datado de 7 de outubro de 1952 que trazia as seguintes regulamentações:

“Era a aprovação de uma lei municipal que proibia o transito de carros de bois nas ruas centrais do município, além de conter as penalidades a que estariam sujeitos os infratores, mesmo sendo o carro de boi importante meio de transporte.”²¹

Nas décadas de 1950-1960 os melhoramentos e desenvolvimento do município foram introduzidos de forma bem lenta como se pode comprovar através de gráfico da criação das novas ruas e avenidas.

O que realmente deu um impulso de crescimento no município foi com certeza a instalação da rede de eletrificação, fato esse que além de propiciar um melhor desenvolvimento, abrindo perspectiva para a instalação de novas indústrias trazendo melhores condições materiais, também afetou a vida cotidiana da população, como pode se observar no depoimento da Dona Feliciano Jacó, 81 anos, que sempre morou em Indianópolis e conta como era a vida quando era utilizada a energia da usina Mandaguari e o que mudou após a instalação da “CEMIG”:

²⁰ Depoimento prestado pelo Sr. Alzerino Rabelo.

²¹ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Indianópolis de 07 de outubro de 1952.

“A luz era muito fraca e quase não dava para lidar à noite, então se fazia quase todas as tarefas da casa antes de escurecer, até mesmo porque não tinha quase nenhum aparelho à força, para o banho era usada uma fôrnalha para esquentar a água e depois tomava um banho de litro, o ferro era a brasa, a energia quase que era só para as lâmpadas. Mas quando dava dez da noite que desligava e tinha que levantar de noite, acendia uma lamparina de querosene ou então deixava acesa a noite inteira. Então de tarde sentava num banco na porta da sala e ficava conversando com os vizinhos porque televisão tinha poucas na cidade, só quem era de situação possuía, a única distração era um rádio à pilha. Hoje em dia a vida tá muito mais fácil e mais confortável com televisão, ferro, chuveiro. O ruim é só as conta de luz cada vez mais cara, mesmo assim vale a pena.”²²

A cidade impulsiona para o progresso somente no final da década de 70, quando finalmente se consegue junto aos órgãos responsáveis, governo estadual e federal, a instalação da tão sonhada eletrificação.

Foi no pleito do Senhor Milton Alves da Silva que se conseguiu tal benefício e para esclarecer como foram as negociações e todo o processo de instalação e consequências posteriores nada melhor do que o depoimento do próprio ex-prefeito:

“No início das negociações o Deputado Estadual João Pedro Gustin serviu de intermediário junto ao governador e após várias audiências chegou finalmente a um acordo onde o governo do estado arcaria com 80% do custo e a prefeitura assumiria 20%. Mesmo assim o município

²² Depoimento prestado por Dona Feliciano Jacó, 81 anos de idade.

*não dispunha desse montante. Então o Deputado Federal Homero Santos conseguiu uma verba federal a título de fundo perdido para complementar a verba. O apoio do Deputado Homero foi fundamental pois inicialmente foi utilizado Projeto Polocentro, que previa a instalação de infra-estrutura para produção agrícola no cerrado e com a interferência do Deputado foi possível estender a rede por toda zona urbana. A inauguração se deu no dia 26 de outubro de 1977, com uma grande festa e comemoração.*²³

Explicou ainda o ex-prefeito que logo após a instalação da energia conseguiu ainda a doação de 220 padrões pré-moldados com toda a instalação elétrica, beneficiando as classes menos favorecidas.

Perguntado sobre os motivos que levaram a concessão tão tardia de um benefício já presente em outros município Milton esclarece que além de os seus antecessores não terem a disposição de ir até Belo Horizonte para buscar recursos, faltava também vontade política e a presença de representantes na Assembleia que serviriam de intermediários com os órgãos governamentais e no caso os deputados João Pedro Gustin e Homero Santos faziam esta ponte. Até porque Indianópolis se tornou um dos primeiros redutos de votos de ambos no início de suas carreiras políticas.

A partir da década de 80 a transformação se intensificou: a cidade vivenciou o novo crescimento com a abertura de novas ruas, aumentando a ocupação do seu perímetro urbano. Como afirmou o ex-prefeito Milton, a prefeitura teve papel fundamental nesse processo de crescimento com a doação de 700 lotes a quem estivesse

²³ Depoimento do Sr. Milton Alves da Silva, 64 anos de idade.

interessado em construir, fornecendo ainda o material de construção básico: areia, saibro, pedra.

O município passa a ter realmente um crescimento acentuado, o que pode ser comprovado através de um *“levantamento feito pela CEMIG do crescimento do número de consumidores de 1979-2000 pode se ter a dimensão exata do crescimento”*²⁴.

Levantamento do Crescimento do Número de Consumidores no Município de Indianópolis							
A N O	Quantidade de Consumidores						
	Residênc.	Indústr.	Comérc.	Rural	Pod. Púb.	Outros	TOTAL
1979	188	5	35	7	8	1	244
1980	197	5	37	8	8	1	256
1981	265	5	37	12	9	1	329
1982	385	5	36	11	9	1	447
1983	423	6	40	10	12	1	492
1984	461	6	40	71	16	1	595
1985	485	6	42	75	17	1	626
1986	495	8	47	178	23	2	753
1987	517	8	48	223	23	2	821
1988	545	8	49	258	27	3	890
1989	566	9	50	267	25	3	920
1990	622	10	54	278	27	4	995
1991	665	10	58	288	27	4	1.052

²⁴ Levantamento do número de consumidores, distrito de distribuição de Araguari.

1992	684	11	59	296	28	4	1.082
1993	700	11	58	301	49	5	1.124
1994	735	12	61	316	52	5	1.181
1995	772	13	64	332	55	6	1.242
1996	811	14	67	349	58	6	1.305
1997	852	15	71	367	61	7	1.373
1998	895	16	75	386	64	7	1.443
1999	940	17	79	405	67	8	1.516
2000	944	17	80	407	68	8	1.523
Média de aumento de 63,6 estabelecimentos (residências, comércio, etc.) ao ano							

Do ponto de vista populacional o município não assistiu um crescimento estrondoso da sua população. Desde a década de 80 os números são os seguintes²⁵:

	População Zona Urbana	População Zona Rural	População Total
1980	1.640	2.030	3.670
1991	2.656	2.209	4.861
1996	2.855	2.671	5.526
2000	3.204	2.183	5.387

No mesmo período de instalação da rede de energia acontece quase simultaneamente a instalação da rede telefônica pela CTBC em fins de 1977. Faltava então agora para que o município alcançasse ares tipicamente urbanos a instalação de uma estação de tratamento de água, uma vez que a água fornecida pela antiga caixa d'água não era tratada. Do jeito que vinha do rego era distribuída para as casas, o que

²⁵ Agência Regional do IBGE de Araguari.

foi resolvido com a instalação da COPASA com uma estação de tratamento e distribuição de água, em 1981.

Nesse mesmo ano a cidade passa a contar com a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos em substituição ao Posto de Serviço Postal. Finalmente em 1983 a cidade foi ligada por estrada asfaltada, a BR 365, facilitando o comércio e o intercâmbio com as cidades vizinhas, já que a antiga estrada encascalhada em épocas de chuva tornava as viagens extremamente difíceis e penosas.

A partir desses benefícios as ruas começam a ser asfaltadas e urbanizadas, criando-se assim uma nova imagem da cidade que lentamente ao longo do tempo vai se transformando para atingir os níveis de satisfação da sua população.

III. VISITANDO O PASSADO DE INDIANÓPOLIS

Pouco se sabe sobre o tempo em que o município de Indianópolis era apenas uma aldeia ao longo da “Estrada do Anhanguera”, às margens do Rio das Velhas, antiga denominação do Rio Araguari. Embora tenha sido freqüente na capitania de Goiás a criação de aldeias que seguiam planos pré-estabelecidos, a pouca documentação existente dificulta a busca de fontes seguras de pesquisas sobre o passado de Indianópolis.

O atual município de Indianópolis teve sua origem em meados do século XVIII, quando após a descoberta de ouro, esmeraldas e diamantes em Goiás e Mato Grosso, o Sertão da Farinha Podre (atual Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba) tornou-se caminho que ligava São Paulo às novas áreas mineradoras, bandeirantes, aventureiros, missionários e imigrantes, desbravaram essa região em busca de riquezas.

Como a região era habitada pelos índios Caiapós, as autoridades como forma de preservar as caravanas como afirma Cunha Matos:

“os índios Caiapós que habitavam a região inicialmente pacíficos, reabriram ataques e admoestações dos brancos passaram a constituir um perigo constante para as caravanas e expedições. Para conter esses índios, a capitania de Goiás cria ao longo da “Estrada Anhanguera”, 18 aldeias, onde foram instalados índios boboros semi-aculturados, trazidos do Mato Grosso pelo Coronel Antônio Pires de Campos, responsável pela empreitada.”²⁶

²⁶ MATOS, Raimundo José da Cunha. Op. Cit., p. 208.

A tarefa de “limpar” o trecho para garantir a segurança dos transeuntes e uma dessas aldeias – a aldeia de Sant’ana do Rio das Velhas –, deu origem ao atual município de Indianópolis.

Sendo parte integrante da região que seria conhecida por diversos nomes: Tabatinga, Novos Descobertos do Paranaíba, Novo Sul, mas principalmente Sertão da Farinha Podre, nome que prevaleceu até o final do século XIX.

A aldeia de Sant’ana fez parte da capitania de São Paulo até a criação da Capitania de Goiás, em 1748, com o território desmembrado da capitania de São Paulo, ficando vinculado até 1816, quando passou a integrar a capitania de Minas Gerais. Eclesiasticamente esteve vinculada ao Bispado do Rio de Janeiro até 1746, quando foi criada a Prelazia de Goiás e Cuiabá destacada do Bispado do Rio de Janeiro. No entanto, somente em 1824, a Prelazia teria o seu próprio bispo, sendo até então governada pelo bispo do Rio de Janeiro, o Bispado de Goiás só foi criado em 1826.

A aldeia de Sant’ana do Rio das Velhas assumia um papel de suma importância no desenvolvimento da região como podemos confirmar pelo relato de Fonseca e Silva:

“A aldeia de Sant’ana foi a mais importante missão do sul da Prelazia de Goiás que incorporava o território de Goiás, Mato Grosso e o Sertão da Farinha Podre, sua administração após a sua fundação foi entregue aos jesuítas, que permaneceram até sua expulsão do Brasil. O primeiro superior da aldeia foi o padre José de Castilho (o Padre Caturra) e os

últimos missionários padre Manoel da Cruz e seu companheiro padre Francisco José."²⁷

A criação de uma paróquia era a primeira forma de reconhecimento oficial de um núcleo populacional pelo governo real e portanto revestia-se de importância para seus habitantes. A concessão dessas prerrogativas poderia ocorrer tanto do efetivo crescimento populacional do arraial quanto de conveniências políticas de controle e assistência aos povos de diversas regiões. A presença de um pároco residente facilitaria o acesso aos sacramentos, através dos quais se efetivaria a própria vida da população.

Saint'Hilaire, que visitou a aldeia de Sant'ana, comenta que surgiram dificuldades e alguns atritos no sentido de se precisar a quem caberiam algumas responsabilidades, como se pode notar neste trecho:

*"Surgiram dificuldades entre as duas províncias Goiás – Minas Gerais em 1816, no que se referia ao pagamento do vigário de Sant'ana e fazia dois anos que os índios achavam privados da assistência espiritual ou qualquer tipo de instrução."*²⁸

Problemas entre as duas províncias podem ser comprovados através de uma petição em 1824 dos moradores e vizinhos da aldeia de Sant'ana. Tal reivindicação assinada por 143 pessoas indica o aumento da população não indígena:

"Encaminhamos ao Imperador solicitando que fossem novamente reunidos à essa freguesia e que devido a vacancia do pároco da aldeia encontravam se obrigados à paróquia de São Domingos dos Araxás e

²⁷ FONSECA E SILVA, Cônego J. Trindade. Lugares e Pessoas: subsídios eclesiásticos para uma história

expunham as dificuldades do caminho, cortado por três grandes ribeirões e um caudaloso rio denominado Quebra Anzol."²⁹

Desde o final do século XVIII, verificou-se um aumento da população não indígena na área, que mais tarde se intensificaria ainda mais nas décadas seguintes. Aos poucos os colonos tomaram posse das terras, abrindo fazendas e invadindo até mesmo a faixa de terra de uma légua e meia de cada lado da "Estrada do Anhanguera", doadas aos índios para sua exploração e sustento, quando da criação das aldeias, mesmo com várias denúncias feitas contra o avanço e a posse ilegítima das terras indígenas já no início do século XIX, seu número havia crescido bastante como se pode comprovar em um documento datado de 3 de dezembro de 1827, onde o regente do Sertão da Farinha Podre é consultado pela presidência da província de Minas Gerais sobre as denúncias de posse ilegal das terras, o regente o Major Eustáquio explica:

"Inicialmente as terras próximas à estrada permaneceram desocupadas por se ouvir que pertenciam aos índios. Então procurou saber se havia alguma Ordem Régia que concedesse aos índios uma légua e meia ao longo da estrada e como não as encontrasse, tomei o expediente de franquiar todo o terreno às pessoas já mencionadas (os entrantes), para lançar posse, reservando todavia meia légua de cada lado da referida estrada para a residência dos índios que se achavam dispersos na aldeia (...) a meia légua reservada foi pouco a pouco ocupada até porque o

de Goiás. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1948, p. 50.

²⁸ SAINT-HILAIRE. Op. Cit. p. 131.

²⁹ Documentos da Mesa de Consciência e Ordens, caixa 281, documento 12, Arquivo Nacional. Rio de Janeiro.

*povo custa a se conter e contudo em nada prejudicou os poucos índios da aldeia de Sant'ana.*³⁰

A descrição da aldeia de Sant'ana do Rio das Velhas mais antiga nos parece ser a do Barão Eschewege, que visitou a aldeia em 1816, quando foi encarregado pelo governador da província de Minas Gerais para delimitar os limites da área do Sertão da Farinha Podre, região que recentemente havia sido anexada a Minas Gerais. Eschewege em seu relato fala que:

*"Ao chegar a aldeia só encontrou mulheres, pois os homens estavam trabalhando na roça, observou no centro da aldeia um grande monjolo que socava milho para todos os moradores. O diretor dos índios de Santana era um militar de Goiás, recusou-se a prestar qualquer esclarecimento alegando que só recebia ordens do governo de Goiás e não havia sido informado da transferência do território para a jurisdição de Minas."*³¹

Dois anos depois, em 1818, o português Luiz D'Alincourt, oficial de engenheiros, indo de Santos para Cuiabá passou pela aldeia e deixou registrada a sua impressão:

"O terreno é cortado de montes e vales, e no fim de uma légua passa um ribeirão, e perto dele está a aldeia de Santana habitado por índios que já são filhos do lugar. Tem uma ermida, e em frente a ela um largo retangular, ornado de casas cobertas de palha e algumas de telhas, fora do largo há mais algumas casas dispostas avulsamente, um soldado

³⁰ Arquivo Público Mineiro, Seção Provincial, Fundo Presidência da Província, Série Correspondência Recebida, Sub-Série Requerimentos e Petições, caixa 10, documentos nº 13 e 40.

pertencente ao destacamento do Rio das Velhas e está subordinado ao comandante geral."³²

Em 1819 o francês Auguste Saint-Hilaire atravessou o Sertão da Farinha Podre e deixou registradas suas impressões no seu livro "*Viagem à Província de Goiás*" e na sua passagem pela aldeia de Sant'ana ele faz a sua descrição:

"A aldeia foi construída numa região descampada e no alto de uma colina, ao pé da qual passa um córrego cujas águas vão se reunir as do Rio das Velhas. É composta por umas trinta casas quase quadradas e cobertas de palha. Algumas ficam espalhadas pela colina sem nenhuma ordem, enquanto outras se enfileiram ao redor de uma praça de formato quadrangular, com um dos lados ocupados pela igreja. Saint-Hilaire descreve também o posto fiscal – Registro do Rio das Velhas – situado às margens do atual Rio Araguaia. Na margem direita havia uma pequena construção onde ficava aquartelado o destacamento militar do posto. À volta vinham-se algumas casinhas e mais distante, no porto havia um rancho, com algumas casinhas ao redor, entre as quais mal se distinguia a do funcionário civil (fiel). o destacamento do Rio das Velhas compunha de dezessete soldados do regimento de Minas. A função dos soldados era a de examinar os documentos dos viajantes, verificar se as tropas vindas de Goiás não levavam ouro ou diamante e em caso de necessidade dar mão forte ao fiel. A este cumpria receber o pedágio que se elevava a 75 réis por pessoa e 160 réis por cavalo ou burro. Cobia a

³¹ BARBOSA, Waldemar de Almeida. Barão de Eschewege, Belo Horizonte: Casa de Eschewege, 1977, p. 34.

³² D'ALINCOURT, Luiz. Memória Sobre a Viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá. São Paulo: Editora da USP/Livraria Itatiaia Ltda, 1975, p. 78.

*ele também receber as taxas sobre as mercadorias que iam de São Paulo a Goiás.*³³

Em um levantamento populacional realizado em 1821, enviado ao governo da província, mostra como a aldeia de Sant'ana se desponha como modelo de desenvolvimento para a região. Fazendo uma comparação entre essa relação com as demais aldeias mencionadas (Paranaíba, São Domingos, Rio das Pedras, Estiva, Piçarrão, Boa Vista e Furnas), Sant'ana era a aldeia mais populosa. Pode se observar ainda que em relação ao levantamento feito pelo Barão Eschewege em 1816, a população da aldeia havia quase dobrado, demonstrando a força e a importância da aldeia de Sant'ana na região do Sertão da Farinha Podre.

De acordo com a reportagem publicada em *"Indianópolis em Revista"*, se tem uma clara cronologia do movimento de elevação da aldeia à qualidade de distrito e mais tarde de distrito a município.

"Através da lei provincial nº 184 de 3 de abril de 1840 foi criado o Distrito de Santana do Rio das Velhas, sendo esta condição posteriormente suprimida pela lei nº 1195 de 6 de agosto de 1864. Já em 1870 foi desmembrada do município de Estrela do Sul por meio da lei nº 1657 de 14 de setembro de 1870. Finalmente em 14 de setembro de 1891, pela lei estadual nº 2 firmou-se a condição de Distrito de Santana do Rio das Velhas. A divisão administrativa de 1911 passou o distrito à subordinação da comarca de Araguari e finalmente com a edição do decreto-lei estadual nº 148 de 17 de dezembro de 1938, que promovia uma nova divisão administrativa em Minas Gerais é criado o Município

³³ SAINT-HILAIRE. Op. Cit. pag. 141.

*de Indianópolis, nome dado em homenagem aos índios fundadores do povoado.*³⁴

Quando Sant'ana do Rio das Velhas foi elevada à condição de município em 1938, passando a se chamar Indianópolis, possuía um aspecto bem simples e singelo: poucas ruas, sem calçamento, casas esparsas em vastos terrenos, ranchos, sem energia e sem água encanada. O acesso ao arraial era bastante precário e difícil. Havia vários portos, necessários para vencer as águas do Rio Araguari. O acesso a Araguari e Uberlândia era feito por uma balsa no porto Saracura. As viagens por terra se tornavam quase impossíveis e penosas no período chuvoso. Em uma matéria publicada pelo jornal *O Repórter*, dá para se ter uma idéia das dificuldades:

*"Indianópolis recebeu ontem festivamente o seu primeiro prefeito. A viagem do primeiro prefeito Dr. Nelson Soares de Oliveira de Uberlândia à Indianópolis, no dia de sua posse 29 de janeiro 1939, a comitiva saiu de Uberlândia às 08:30 horas da manhã e chegou em Indianópolis às 15: horas."*³⁵

Essa reportagem ilustra claramente as dificuldades da época pois para realizar o percurso na época foi necessário seis horas e meia de viagem, enquanto atualmente o percurso é feito em 50 (cinquenta) minutos.

A criação do município traria um novo espírito ao antigo povoado, pois se buscava uma nova mentalidade, agora voltada para o progresso.

³⁴ Indianópolis em Revista, Indianópolis, 1981, p. 25.

³⁵ Jornal *O Repórter*, 30 de janeiro de 1939, ano 6, nº 250.

O município de Indianópolis desde a sua emancipação política contou com 24 prefeitos e interventores nomeados e de acordo com a publicação *Indianópolis em Revista* são estes:

01	Nelson Soares de Oliveira	}	1939/1946
02	Geraldo Cardoso Miranda		
03	Dilermano Rangel		
04	Ataulpa Pierucleti Veloso		
05	Antenor Rangel		
06	Paulo Sebastião Guimarães		
07	Arlindo Alves da Silva		
08	Florêncio Fernandes dos Reis		
09	Waldemar Magalhães		
10	Antenor Rangel.....		1947/1950
11	Praxedes Fernandes.....		1951/1954
12	Antenor Rangel.....		1955/1959
13	Urias José da Silva.....		1959/1961
14	Antônio Joaquim Naves.....		1962/1963
15	João Pereira de Miranda.....		31/01/63-31/01/67
16	Waldemar Magalhães.....		31/01/67-31/01/71
17	Décio Fernandes.....		31/01/71-31/01/73
18	José Batista Ferreira.....		31/01/73-31/01/77
19	Milton Alves da Silva.....		31/01/77-31/01/83
20	Jair Amaro.....		31/01/83-31/12/88
21	Wesley da Rocha Naves		
22	José Mauro Stabile		
23	Wesley José da Rocha Naves		
24	José Mauro Stabile		

Desta lista de ex-administradores vale salientar que os primeiros 09 (nove) foram nomeados e o restante eleito pelo voto direto e o último, Sr. José Mauro Stábile é o atual prefeito do município de Indianópolis.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se pretende fazer uma história local onde é enfocado um pequeno município do Triângulo Mineiro, pode até parecer aos olhos de quem está afastado que isto em nada vai contribuir para a historiografia, mas por outro lado argumentamos o quanto é gratificante para quem se envolve num trabalho como esse, pois dá a sensação de que está, de maneira mesmo que pareça pouco e pequeno, contribuindo para a montagem de um mosaico que aos poucos vai dando uma idéia do todo, quando as pequenas peças vão se encaixando e mostrando uma história mais ampla de nossa região que pouco é valorizada.

Sabe-se tanto sobre os movimentos históricos ocorridos na Europa, em outros países e da produção sobre os grandes temas nacionais e pouco se sabe sobre si mesmo, então fazer esse tipo de história é quase que um olhar para dentro de si mesmo, ou seja, seguindo aquela premissa que diz “conhece primeiro a ti mesmo para depois conhecer e compreender o outro”.

Para dar prosseguimento ao trabalho era preciso buscar algum acontecimento que efetivamente pudesse provocar uma mudança significativa, e que após reflexões surge a questão da energia elétrica e suas implicações diretas e indiretas sobre a estrutura física, social e econômica do município e o que pode ser constatado é que a grande influência que este benefício trouxe para o município e seus habitantes, tornando possível pensar o município antes e depois da energia elétrica.

E foi uma agradável surpresa descobrir como um bem tecnológico como a energia pode servir de subsídio para buscar as mudanças dentro de uma sociedade, mesmo pequena como é o caso de Indianópolis.

A junção da História Local com uma História da Técnica (energia elétrica) consegue explicar muito do processo de formação e desenvolvimento da cidade de Indianópolis.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, Waldemar de Almeida. Barão de Eschewege, Belo Horizonte: Casa de Eschewege, 1977, p. 34.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais**, Belo Horizonte: Casa de Eschewege, 1971, p. 220.
- CASAL, Ayres de. **Corografia Brasileira**. São Paulo: Edusp/Livraria Itatiaia, 1976, p. 161.
- D'ALINCOURT, Luiz. Memória Sobre a Viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá. São Paulo: Editora da USP/Livraria Itatiaia Ltda, 1975, p. 78.
- Depoimento do Sr. Milton Alves da Silva, 64 anos de idade.
- Depoimento prestado pelo Sr. Alzerino Rabelo.
- Depoimento prestado por Dona Feliciano Jacó, 81 anos de idade.
- Entrevista com o Sr. Manoel Rosa da Paixão, 84 anos de idade.
- FONSECA E SILVA, Cônego J. Trindade. Lugares e Pessoas: subsídios eclesiásticos para uma história de Goiás. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1948, p. 50.
- GOUBERT, Pierre. "História Local". In. Revista **História e Perspectivas**, nº 06, Uberlândia: UFU/COCHI, p. 114.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- Indianópolis em Revista, Indianópolis, 1981, p. 25.
- Jornal *O Repórter*, 30 de janeiro de 1939, ano 6, nº 250.
- Jornal *O Triângulo*, 11/04/49.
- LE GOFF, Jaques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 28.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura Popular e Desenvolvimento em Minas Gerais: Caminhos Cruzados de um Mesmo Tempo**. Tese (Doutorado em História) FFLCH, USP, São Paulo, 1998.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio, Vida Cotidiana e História no Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano do Fim do Império ao Fim da República Velha**. São Paulo: Hucitec/Prefeitura. São Caetano do Sul, 1992.

MATOS, Raimundo José da Cunha. Op. Cit., p. 208.

MATTOS, Raimundo José da Cunha. **Corografia Histórica da Província de Minas Gerais**, São Paulo: Itatiaia, 1981, p. 212, vol. I.

MATTOSO, José. **A Escrita da História, Teoria e Método**. Lisboa: Estampa, 1997, p. 76.

PESAVENTO, Sandra Jathay. "História Regional e Transformação Social". In: SILVA, Margos A. (org.). **República em Migalhas**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1990.

PRIORI, Ângelo. "História Regional e Local: Métodos e Fontes". **Revista Pós História**, Assis, 1994, vol. 2, pp. 181/187.

RODRIGUES, José Honório. "Teoria da História do Brasil, Introdução Metodológica". **Revista História e Perspectiva**, Uberlândia: UFU, 1997, nº 16 e 17.

SAINT-HILAIRE, August. **Viagem à Província de Goiás**. São Paulo: Epusp/Itatiaia, 1975, p. 143.

SOUSA, Velso Carlos de. "Fotografia como Documento". In: **Boletim CDHIS**, nº 21, Uberlândia, 1997.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ANEXOS

Quadro Populacional elaborado por Eschwege em sua viagem ao
Sertão da Farinha Podre em 1.816

Aldeias	Fogos	Famílias	Pessoas
Pedras	24	37	127
Estiva	6	6	47
Piçarrão	5	6	30
Boa Vista	4	5	15
Sant'Ana	29	36	118
Córrego da Rocinha	2	2	10
Lanhoso	4	4	27
Uberaba	8	9	47
Baixa	8	4	14
Total das aldeias	83	109	435

Quadro Populacional em 1821, referente às aldeias situadas ao longo da Estrada São Paulo-Goiás, enviada ao governo de Minas Gerais com uma representação contra a ação usurpadora de alguns brancos, reproduzido por Eschwege

Aldeias situadas entre o Rio Paranaíba e o Rio das Velhas (atual Rio Araguari)

Aldeias	Homens	Mulheres	Crianças	Totais
Paranaíba	4	3	6	13
S. Domingos	27	14	13	54
Rio das Pedras	33	31	38	102
Estiva	20	23	31	74
Piçarrão	11	10	21	42
Boa Vista	11	14	30	55
Furnas	14	9	12	35
Sant' Ana	84	90	88	262
Total				637

Aldeias situadas entre o Rio das Velhas e o Rio Grande, invadidas pelos portugueses

Rio das Velhas	7	5	8	20
Rocinha	3	3	5	11
Uberaba	2	3	3	8
Tijuco	8	8	7	23
Lanhoso	5	8	17	30
Uberaba Falsa	13	15	38	66
Toldas	5	7	11	23
Posse	2	2	4	8
Baixa	-	-	-	-
Espinhas	5	9	21	35
Rio Grande	3	3	4	10
TOTAL GERAL				871

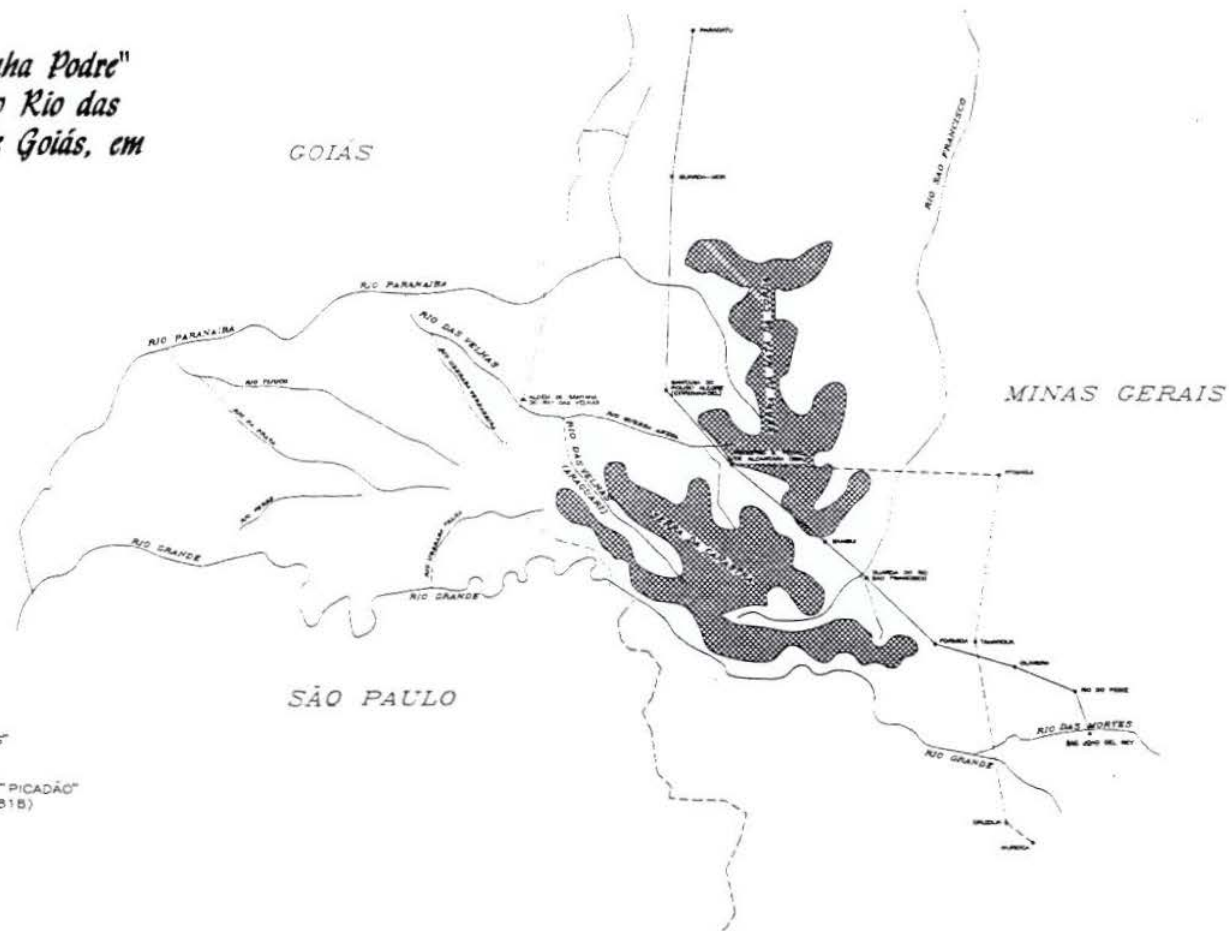
Quadro de criação e alteração da nomenclatura dos principais logradouros públicos de Indianópolis

Antes 1938	Depois 1938	Década 50	Década 60	Década 70	Final anos 70	Década 80	Década 90
Rua de Baixo	Av. Presidente Vargas						
Rua do Meio	R. Machado de Assis			R. Juvenal dos Santos/R. Batista Naves			
Rua de Cima	R. da Instrução (?)			R. Emilia Florisbela Garcia	R. Getúlio Magalhães		
Rua do Rego d'Água	Av. Marechal Deodoro						
Largo de	Pça. Arduino Bolívar				Pça. Emilia Florisbela Garcia		
Sant'Ana	Pça. Governador Valadares		Pça. Urias José da Silva				
Largo de Santa					R. Emerenciano Alves dos Pasos		
Rua R.				Travessa Melo Viana	R. José Catigua		
Padre Carrijo				R. Aristides A. Pereira			
Beco do Catigua			R. Hilário Ferreira de Souza (?)				
R. Corrago Lava Pes	13 de Maio		Av. Cap. Saint'Clair de Melo				
	Av. Afonso Pena						
Rua dos Genipapos	R. Operário (?)			R. Dr. Milton Fernandes de Mello			
Rua Sant'Ana	R. Benjamin Constant				R. Vereador Manoel Virgilato		
	Av. Floriano Peixoto				R. Irineu Alves Rabelo		

	R. Tiradentes					
	Beco do Galdino				R. Geonani Lemes e Souza	
		R. Enas Alves Pinto				
		R. Juvelino Fernandes de Resende				
					R. Joaquim Amaro	
					R. Evaristo Bruno	
					R. Antônio Joaquim Naves	
					R. Praxedes Fernandes Pereira	
					Travessa Valdivino José Rafael	
					Pça. Ana Alves Rangel	
					R. Vereador Delemando da Silva (?)	
					R. Francisco Lavriano (?)	
					Pça. Ana Alves Rangel	
					R. Araguari	R. Manoel de Souza Borges
						R. Ivanildes Alves Silva
						R. Joaquim Oliveira de Carvalho
						Pça. Lina Mendes



Fig. 1 - Mapa do antigo "Sertão da Farinha Podre" com a indicação da aldeia de Sant'Ana do Rio das Velhas, criada pelo governo da Capitania de Goiás, em meados do século XVIII



LEGENDA

- "ESLADA DO ANHANQUERA", "PICADA DE GOIÁS"
UTILIZADA A PARTIR DE 1722.
- "CAMINHO DOS GOIASES", "PICADA DE GOIÁS", "PICADÃO"
ABERTO = EM 1730 (ROTEIRO DE POHL EM 1818)
- ATALHO DO "CAMINHO DOS GOIASES"
ABERTO EM 1736/ 1737

